

O Golpe de Prigozhin

Prigozhin Affair

Lucas Rembold

Graduado em História

Universidade Federal de Santa Maria (UFSM)

lucas.rembold@gmail.com

Recebido: 04/08/2023

Aprovado: 20/03/2025

Resumo: O texto tem dois eixos e objetivos principais. Primeira busca comparar a significância dos eventos de julho de 2023 com o golpe de Kornilov de 1917 e o significado simbólico do movimento militar dentro da Rússia, quase 100 exatos anos após a guerra civil ter acabado no país. O segundo eixo é a construção de um histórico dos PMCs (*Private Military Companys*, Empresas Militares Privadas) e como os eventos na Rússia podem influenciar a direção desse tipo de empresa no futuro. Para isso é exposto um pequeno histórico do surgimento dos PMCs e seu modelo de negócio no mundo até a criação do grupo Wagner 2014 e como o Wagner é uma inovação no uso de PMCs pelo estado nacional Russo. Para construir o eixo de comparação com Kornilov, e o movimento branco no geral, são analisados os poucos “fatos concretos” dos eventos de julho de 2023, usando os discursos de Putin e Prigozhin no período da rebelião.

Palavras-chave: Wagner; Golpe; Kornilov.

Abstract: The text has 2 major axes and objectives. First, it seeks to compare the significance of the events in July 2023 with the Kornilov Affair of 1917 and the symbolic significance of an armed military movement inside Russia almost exactly 100 years after the end of the civil war. The second axis is the construction of a history of PMCs and how the events inside Russia can influence the direction of this type of company in the future. To do this, it first creates a small history of the emergence of the PMCs and their business model until the creation of the Wagner Group in 2014, and how the use of the Wagner PMC is a new strategy by the Russian national state. To build the axis of comparison with the Kornilov and the White movement as a whole, the small concrete facts about the events of July 2023 are analyzed using the speeches of Putin and Prigozhin during the period of the rebellion.

KeyWords: Wagner; Coup; Kornilov.

Paralelos de 1917

No dia 23 de julho de 2023 a Rússia sofreu um dos maiores choques de toda sua história. Forças do PMC Wagner se rebelaram contra o governo e partiram, armados, em direção à capital, com objetivos até agora não totalmente claros. Reagindo ao discurso de Yevgeni Prigozhin, chefe do Wagner, o presidente russo Vladimir Putin, além de prometer duras sanções aos rebeldes, também trouxe à tona um paralelo histórico que começará a ser comentado nos meios de comunicação russos, principalmente na rede social Telegram. Putin compara os eventos que estavam acontecendo com o grave ano de 1917 e a dissolução do exército imperial russo na primeira guerra mundial. Para entender a comparação de Putin será feita uma breve descrição dos eventos a qual ele se refere. Um dos grandes episódios que marca o início da guerra civil Russa é o chamado “Kornilov Affair” um golpe abortado, golpe que até hoje tem seus objetivos não exatamente conhecidos, feito pelo general Kornilov contra o governo provisório. O governo provisório sobrevive, porém, é atacado por seus ditos aliados, os bolcheviques, que tomam o país e instauram o governo que viria a se tornar a União Soviética. Abrindo os paralelos entre os discursos Kornilov e Prigozhin é possível notar que ambos apontam razões similares para suas manobras. Ambos se diziam insatisfeitos com o ministério da defesa de sua e com o andamento da guerra, além de acusar o governo civil de incapacidade de lidar com a corrupção e abastecer adequadamente os seus homens no front.

Os objetivos de Kornilov não são claros até hoje para os historiadores. Enquanto a explicação mais difundida é que Kornilov queria tomar o governo, como descrito por Jacques Marie “[...] Kornilov, que lança suas tropas sobre Petrogrado em 25 de agosto e acusa “o governo provisório de agir sob a pressão da maioria bolchevique dos sovietes em total acordo com os planos do estado-maior alemão. Ele jura convocar a Assembleia Constituinte “por meio da vitória contra o inimigo” (Jacques-Marie, 2017 p 28). Porém há historiadores que defendem que seus objetivos eram muito mais pontuais, segundo Asher (Asher, 1970, p 295) houve um desentendimento entre Kornilov e Kerensky. O desentendimento teria começado por uma falha de comunicação feita por um dos ministros de Kerensky (V. N. Lvov). A comunicação confusa de Lvov teria feito Kornilov acreditar que estava indo a ajuda de Kerensky e que, se tivesse de tomar o poder, contaria com o apoio de Kerensky e seu gabinete. Ao avançar sobre Petrogrado, Kornilov teria sido surpreendido pela resposta de Kerensky, e acreditou que ele teria sido sequestrado pelos bolcheviques. Kerensky, por paranoia política, acabou armando os bolcheviques para deter as tropas de Kornilov, acreditando que a intenção do movimento era derrubá-lo. Apesar das divergências sobre as razões e movimentações políticas do golpe é inegável para ambos os autores que a disputa entre

Kornilov e as forças civis foi, principalmente, causada pelas divergências entre Kerensky e Kornilov sobre como a guerra deveria ser conduzida. Além disso, a falta de comunicação entre o comando do exército e Kerensky, é fatal ao governo provisório.

Voltando ao presente Prigozhin, em seu discurso, afirma que o ministro da defesa e a classe política são os principais culpados pelas baixas do exército nacional, e da PMC Wagner, e que os oligarcas irresponsavelmente guiam a guerra para gerar lucros, não se preocupando com as verdadeiras aspirações nacionais dos russos no Donbass. O discurso e os movimentos de Kornilov e Prigozhin são bastante semelhantes. Ambos fazem seu avanço para a capital com um sentimento de que “o governo civil está deslocado das realidades do front, que os políticos que conduzem a guerra não sabem como vencer”. Apesar de não mencionar diretamente Putin Prigozhin ataca diretamente a oligarquia ligada ao governo, e mais diretamente o ministro da defesa, que é a figura que engloba tudo que há de errado no exército. Ataca também a falta de ação do governo quanto às falhas do exército e sua corrupção.

Em 1917 o golpe de Kornilov é derrotado em Petrogrado, e o general é mandado para uma prisão no território da presente Bielorrússia (ironicamente onde Prigozhin se instalou com o grupo Wagner após seu movimento). Após a queda de Kerensky, Kornilov vai até Rostov no Don para fundar um exército e começar suas operações contra o governo soviético. Prigozhin começa sua rebelião com passos parecidos com os de Kornilov. Após tecer várias críticas ao alto comando russo e a conduta da guerra é indiciado pela justiça russa por “propaganda antipatriótica” e, segundo ele, logo após o indiciamento suas tropas são atingidas por artilharia leal ao ministério da defesa. Prigozhin parte então para Rostov no Don e toma o centro militar do exército do sul. Horas depois de negociações falhas com um enviado do governo, ele parte em direção à capital. Apesar da competição entre Prigozhin e o ministro da defesa Shoigu ser conhecida internacionalmente, já que Prigozhin não poupa esforços em espalhar nas mídias sociais seu descontentamento, suas aspirações políticas, se existiram, são desconhecidas. O discurso de Prigozhin não é direcionado ativamente contra o presidente Putin, porém, o presidente claramente o percebe como ameaça, afinal é Putin que traça o paralelo com 1917.

Tanto Kornilov e Prigozhin podem ser caracterizados por liderança “personalista” e carisma pessoal, esse tipo de liderança personalista e carismática é também uma marca da guerra civil russa, Sanborn (Sanborn, 2010) argumenta que tal liderança de chefes militares carismáticos é uma das grandes marcas da dissolução do poder central do estado e instituições, e um dos grandes fatores que influência o resultado de guerras civis. É interessante analisar que Putin segue uma linha de raciocínio

parecida, fazendo referência aos desastrosos motins de 1917, ele ameaça uma grande repressão aos amotinados, ao mesmo tempo que suplica que eles abaixem suas armas para evitar uma guerra civil. Em 1917 Kornilov, nos meses pré-guerra civil, teve uma grande influência política no país e era extremamente popular com as tropas e com grupos civis pró guerra, principalmente entre o oficialato descontente com a direção do governo.. Prigozhin com seus esforços de propaganda do seu PMC se torna uma figura militar extremamente popular na Rússia, principalmente após a campanha de Bakhmut, basta ver os diversos vídeos que saem de Rostov no Don, onde civis vão até as tropas de Wagner demonstrar apoio a seu movimento ao que foi chamado de “Marcha da Justiça”. Até entre as tropas do governo não houve resistência a Prigozhin, quando se tomou a cidade de Rostov e não houve nenhum movimento das formações do governo na cidade para destruir a rebelião.

Os PMCs

Antes de se falar do “Golpe de Prigozhin” é importante ressaltar o que é uma PMC, e de onde surgiu o Grupo Wagner. Forças Militares Privadas, conhecidas como PMCs, são um novo fenômeno nos campos de batalha modernos. Apesar do mercenarismo não ser um fenômeno novo na história humana, se acreditava que com a criação dos exércitos nacionais, no decorrer do século XVIII, os mercenários estariam destinados à extinção.

Porém no novo contexto internacional após o fim da segunda guerra mundial o mercenarismo foi reinventado na sigla PMC. As PMCs, (do inglês Private Military Companies), são empresas privadas que prestam serviços militares a outras corporações e a governos. Os PMCs ganharam força principalmente no continente africano durante as guerras de descolonização. Eram até então principalmente contratados por governos de países instáveis, ameaçados por inimigos internos, e empresas de extração de recursos que operam em tais países, e que precisam proteger suas operações da instabilidade política de onde operam. O primeiro membro de um PMC que alcançou a fama internacional é o alemão Siegfried Müller, conhecido como “Kongo Müller” ou “assassino soridente”. A trajetória de Müller começa na segunda guerra mundial, lutando pela alemanha nazista, e terminou na guerra civil do Congo, chegando lá por meio de um contrato feito pelo líder africano Moise Tshombe. Müller ganhou fama internacional por suas fotos no continente africano, sempre exibindo sua cruz de ferro em seu uniforme. Virou infame após ser entrevistado por uma equipe de TV da Alemanha Socialista, ao beber demais durante a entrevista acaba se gabando das atrocidades que realizou no continente.

Até então as PMCs eram um fenômeno presente apenas em países subdesenvolvidos, criadas por aventureiros ex-oficiais de exércitos europeus que vendiam seu braço armado e conhecimento militar para nações, ou movimentos de aspiração nacional, de maneira pontual e individual e sem uma grande estrutura de mercado em suas operações. Na guerra fria as PMCs operam também a serviço dos países ocidentais, porém ainda em operações de baixa escala. (Brayton, 2002). Porém com a invasão do Iraque em 2003 as PMCs atingem um novo patamar, para diminuir os custos de ocupação e uma possível pressão popular anti guerra o exército norte americano contrata as PMCs para assumir algumas de suas operações, principalmente logística e “anti-terrorismo”. A inclusão dos PMCs cria um ambiente favorável a operação americana, já que minimiza as baixas do exército nacional e por consequência não afeta a imagem da administração, já que os funcionários terceirizados não fazem parte das estatísticas oficiais como descrito em Marten (Marten 2019. p. 181-204) que comenta sobre o crescimento de tais grupos nas últimas décadas, o autor argumenta que a privatização da segurança, avançada pelos Estados Unidos em suas operações no Iraque e Afeganistão, abriu as portas para essa “privatização da guerra” e deram um grande poder para os PMCS, que agora operam em escala nunca antes vistas.

A partir de então as PMCs ganham um novo papel sendo empregadas pelas grandes potências e uma nova onda de atuação se abre para seus membros agora podendo ser empregadas não só pontualmente, mas virando um modelo de negócios multinacional, bilionário e, principalmente, de projeção de interesses no exterior. Apesar de haver suspeitas do emprego de tais organizações pelos Estados Unidos durante a guerra da Bósnia, e outros conflitos, o potencial de uso de uma PMC por uma potência ainda não havia sido tão escancarado como no Iraque (Marten 2019 181-204), que segundo uma pesquisa do Washington Post contava com mais de 100 mil funcionários de PMCs atuando no país, tais empresas também ainda não haviam sido usadas em coordenação com o exército nacional, do seu país de origem, como mencionado em Karli (Karli 2009. p. 93–99).

O Wagner Group

No novo contexto dos PMCs surge o Wagner Group, em meados de 2014, fundado por Yevgeny Prigozhin. Sua história de fundação é nebulosa, assim como qualquer PMC, porém ela ganha significado internacional já em seu primeiro ano. O grupo é majoritariamente formado por ex-membros das forças especiais russas, o GRU. Alguns grupos acusam Wagner de ser diretamente fundado a mando do próprio GRU, para empreender operações em favor do Kremlin fora do país, em vista a grande quantidade de ex-membros do GRU que formam as fileiras do grupo. Uma figura

importante nessa suposta relação com o GRU é Dmitry Utkin, um dos membros mais importantes do grupo, que fez parte do GRU antes de entrar no Wagner. Em 2014 o Wagner Group ganha reconhecimento pelo mundo ocidental quando participa da operação de tomada da Criméia e no início da crise ucraniana.

Tal operação é feita por homens vestindo uniformes militares sem a insígnia de qualquer país ou unidade militar, essa operação tem sucesso e a Rússia toma o território sem resistência e o fenômeno dos “homenzinhos verdes” (como foram chamadas as tropas sem nenhuma identificação que tomam o controle da Criméia) toma a mídia ocidental. Também em 2014, se estoura a guerra no Donbass, região separatista da Ucrânia que pretende se juntar a Rússia, e então os membros do Wagner Group são “contratados” pelas repúblicas separatistas, e a partir daí são reconhecidos internacionalmente como um braço do Kremlin. O Wagner Group é usado pelo Kremlin para combater em duas frentes, primeiro no Donbass servindo como instrutores para as tropas das repúblicas e é alistado para ajudar o governo de Bashar Al Assad na Síria. O grupo cresceu exponencialmente nesse período e o Kremlin inova ao usar uma PMC pela primeira vez para, escancaradamente, avançar sua política externa, em detrimento do propósito lucrativo empresarial. Em conjunto com forças aeroespaciais russas o Wagner se torna uma importante face da guerra civil na Síria (Faulkner, 2022) no caminho de garantir a vitória, de fato, do regime de Assad, inclusive o grupo cita batalhas específicas na Síria em seus vídeos musicais de propaganda. Em tempos recentes o grupo iniciou uma grande expansão no continente africano contanto com contratos na República da África central e no Mali. Tal ofensiva do Wagner sobre a África também coincide com uma ofensiva diplomática russa na região. Essa relação do Kremlin com a Wagner é a mudança chave do paradigma nos mundos dos PMCs, antes sendo fenômenos pontuais e “deslocados” dos interesses do estado. O Kremlin inova ao usar o Wagner Group como um instrumento de avançar sua influência de estado, ao contrário dos PMCs ocidentais que são contratados por interesses privados, ou apenas para dar suporte ao exército nacional norte americano em áreas sob sua jurisdição militar. Apesar dos norte-americanos usarem as PMCs como um braço de apoio em certas operações, estas ainda contam com independência sobre seus contratos e buscam a lucratividade como objetivo principal, ao contrário do Wagner que parece sempre seguir alguma diretriz implícita de Moscou, ou no mínimo ter seus interesses coordenados com a política externa russa.

PMCs em conjunto com o exército nacional

Em 2022 o Wagner Group volta às primeiras páginas no ocidente quando é “semi-incorporado” ao exército Russo durante a nova escalada na crise da Ucrânia em que começa a guerra aberta entre os dois países. Yevgeny Prigozhin se torna uma figura de influência gigantesca dentro do país e o PMC ganha diversos privilégios do governo, como a permissão de permutar sentenças de prisioneiros em serviço militar com o grupo. Também começa uma grande campanha midiática, com músicas do grupo, panfletos outdoors e a construção de uma gigantesca sede na cidade de São Petersburgo junto a uma vasta campanha online entre os jovens russos..

O Wagner é uma grande inovador nesse cenário de propaganda, enquanto PMCs americanos como a Academi (antiga Blackwater) e a maior do planeta, se mantém o máximo possível na anonimidade o Wagner empreende uma grande ofensiva de marketing, tanto interna quanto para o ocidente, louvando seus combatentes e vitórias. O grupo expande massivamente a propaganda interna de recrutamento, inova principalmente na propaganda musical produzindo diversas músicas produzidas sobre o grupo, que se tornaram extremamente populares na internet e estações de rádios russas. O Wagner Group levou o modelo de negócio do PMCs a um rumo muito diferente de seus competidores estrangeiros, e parece estar funcionando vendo que Prigozhin estava anunciando cada vez mais contratações pelo grupo, que agora além de aceitar ex-militares passou a aceitar civis sem treinamento prévio.

Com sua propaganda do Wagner tenta exprimir as virtudes de uma vida mercenária e vender para os jovens como um estilo de vida de uma aventura brutal e gloriosa com uma grande quantidade de ação e camaradagem, os temas principais de suas músicas. O Wagner até mesmo se aventurou no mundo do cinema, com o lançamento do seu filme “os melhores no inferno”, que procura mostrar a proeza militar do grupo, sendo inspirado por uma batalha na Ucrânia.

Disputas internas no campo Russo e o medo de 1917

A relação entre o Kremlin e Prigozhin nem sempre é boa, durante a campanha da Bakhmut (ou Artemovsk para os russos) Prigozhin entra em diversos conflitos com o ministério da defesa russo, e o ministro Shoigu, por conta do suprimento de armas e munição para o grupo e acusa o governo de usar seus homens como “bucha de canhão” para criar “um mar de corpos” e tomar a cidade, no intuito de destruir o grupo privado que estava competindo por influência e prestígio com o exército nacional.

Essa crise atinge seu ápice em 23 de julho de 2023, alguns dias após a tomada de Bakhmut pelo Wagner, com essa vitória o grupo atingiu seu apogeu de popularidade na Rússia. Porém o impensável acontece e Yevgeny Prigozhin se rebela contra o governo, até agora há poucas notícias sobre os “fatos concretos” dessa rebelião.

Prigozhin alega que o ministro da defesa Shoigu é responsável pela vasta corrupção no exército russo e por seus fracassos militares na Ucrânia, e que além disso forças do governo teriam atacado tropas do Wagner em um de seus acampamentos. Prigozhin então diz estar cumprindo seu dever patriótico e marcha em direção a Moscou para fazer suas reivindicações ao governo, mesmo discurso de Kornilov a marchar em Petrogrado. Ainda há pouco esclarecimento sobre esse movimento, e o principal medo de Putin, que seria uma repetição de 1917, é que o exército se rachasse entre figuras pró governo e figuras pró Prigozhin. O presidente, no seu discurso em rede nacional cita explicitamente a “tragédia de 1917” dizendo que a Rússia perdeu a primeira guerra mundial por um motim interno no exército, e que o motim de Prigozhin seria detido com o máximo de força, além de apelar para que os “Wagneritas” se rendam.

Se entende que o governo é forçado a negociar antes que a crise escale para uma guerra civil, o que seria perfeitamente possível já que o Wagner Group tomou Rostov no Don, ironicamente a cidade onde começa o movimento de Kornilov, que é a cidade que se localiza o quartel general dos exércitos do sul da Rússia, sem que houvesse nenhuma resistência das tropas do governo. É possível que, se fosse de alçada de Prigozhin, este poderia ter lançado apoio a políticos opositores do governo, que durante todo o período da crise se manifestaram incentivando que o Wagner derrubasse o governo, assim criando um conflito interno na Rússia, já que agora haveria uma força armada anti Putin e que houve uma chance de que essa derrubasse o governo vigente, essa percepção de ameaça corroborada pelo próprio discurso de Putin, que faz a comparação com 1917. É inevitável que se perceba a fraqueza do estado russo, que em 12h do início do conflito cedeu a Prigozhin por negociações mediadas pelo presidente Bielorrusso, Prigozhin se diz satisfeito com sua manobra e se “exila” em na Bielorrússia sem que ele e seus apoiadores sofram qualquer punição do estado, que anuncia uma anistia para todos os envolvidos. Apesar da crise não ter escalado para uma guerra civil, ainda sim houve uma grande perda de prestígio pelo Kremlin, pela primeira vez em 100 anos (se levarmos em conta que a guerra civil russa acaba em 1923) houve uma força antigoverno marchando pelo país em direção a capital.

Ainda pior para o governo é a não derrota militar de Prigozhin, que segundo redes sociais teria derrubado helicópteros das forças aeroespaciais russas enviados para deter suas colunas, e que após

chegar a 200km de Moscou teve suas demandas aceitas pelo governo, gerando uma grande humilhação para o presidente Putin que agora tem que lidar com uma figura militar extremamente popular, talvez até mais popular que o próprio presidente, que pode se lançar como oposição ao seu regime. Prigozhin também aparenta ter uma base de projeção entre o baixo oficialato do exército, não muito diferente de Kornilov, e com as mudanças anunciadas no alto comando, a principal demanda de Prigozhin, pode ter ganhado uma influência ainda desconhecida sobre o governo, afinal não houve nenhuma resistência pelo distrito militar do Sul em Rostov, um péssimo sinal do nível de lealdade das tropas de baixa patente. Além disso, a rebelião foi noticiada internacionalmente por diversos veículos internacionais, manchando a imagem do exército e governo russo no exterior, e exaltando as diversas divergências internas no campo russo.

A falha do golpe de Kornilov é caracterizada principalmente pela falta de tropas leais ao general. Apesar de sua grande popularidade, ele não tinha realmente regimentos que fossem apenas fiéis lealmente a ele e seus comparsas de golpe. Com movimentações feitas por Kerensky e os bolcheviques as tropas de Kornilov acabam abandonando a tentativa de golpe do general e voltam para seus quartéis. Aqui há a grande diferença entre as tentativas de Kornilov e Prigozhin, enquanto as tropas de Kornilov tem sua lealdade dividida entre seu general e seu país as tropas de Prigozhin só vão largar as armas quando seu chefe faz um acordo com o governo. Sem o problema da lealdade dividida, e sendo seu pagamento decidido apenas por Prigozhin, as tropas do Wagner não são afetadas pela pressão de autoridades civis, ao contrário das tropas de Kornilov, e aqui se mostra o grande perigo dos PMCs e suas estruturas desvincilhadas do governo nacional.

O caso Prigozhin e o futuro dos PMCs

O caso Prigozhin abre um novo paradigma para as PMCs e suas relações com o governo, apesar do Wagner Group ser o mais conhecido, há um grande número de PMCs que operam em solo norte americano, britânico, sul africano e de outros países. Até que ponto esses PMCs podem ser considerados leais a seus países de origem, ou até mesmo os interesses de seus contratantes, e se aconteceu na Rússia, seria possível um PMC norte americano se levantar contra alguma prática do governo, por exemplo para pressionar a não retirada americana de territórios em conflito, onde as PMCs tem contratos milionários, ou até mesmo usadas por seus proprietários para avançar legislações ou terminar disputas políticas de seus interesses, não muito diferente do conflito pessoal entre Prigozhin e Shoigu.

O caso Wagner apesar do seu fim, pacífico, abre a caixa de pandora para os países com PMCs de grande porte. Tais países agora precisam pensar se os benefícios de uso de um PMC em suas guerras externas justificam o risco de um “Golpe de Prigozhin”, um movimento feito por um grupo com apenas 50 mil homens em suas fileiras, e que segundo mídias sociais russas apenas metade do contingente teria participado da marcha, que com 25 mil homens conseguiu gerar uma grande crise política no país. Grupos como a Academi (PMC Norte Americana) que contam com milhares de membros a mais que o Wagner, e tem um arcabouço financeiro muito maior, podem servir para fins políticos internos no ocidente? Podem ser usados entre os membros do próprio exército nacional, aos quais agora estão integrados após os experimentos no Iraque, para ganhar disputas internas? Até que ponto o exército nacional nesse contexto serve ao interesse dos países ao ser “infiltrado” pelas PMCs, e no caso norte americano até que ponto o lobby político de acionistas dessas PMCs pode influenciar o governo e sua política externa.

Abrindo aqui um breve paralelo com a ficção, qual a possibilidade de uma situação não muito diferente da retratada no videogame “*Call Of Duty: Advanced Warfare*”, que retrata um futuro em que uma PMC, chamada Atlas, considerada uma superpotência de aluguel. A Atlas, liderada pelo personagem Jonathan Irons, ataca os estados nacionais e tem aspirações de dominação mundial. Obviamente tal situação é vista como impossível, se espera, na realidade, mas ainda a ficção serve de um exercício para pensar para o quanto longe o poder de uma PMC pode chegar em um caso extremíssimo.

Conclusão

O “Prigozhin Affair”, é principalmente um grande abalo ao governo de Vladimir Putin. Olhando para a história política russa as ramificações desse evento podem vir a ser importantíssimas no futuro. A quase 100 anos da revolução que derrubou o velho sistema monárquico houve um “novo Kornilov” marchando para a capital, e pela primeira vez o presidente Putin teve uma oposição interna que poderia derrubá-lo do governo pela força das armas. As ramificações desse evento estão muito longe de serem completamente entendidas. Porém esse evento com certeza terá uma ramificação gigantesca no mundo dos PMCs, afinal com lideranças carismáticas, interesses financeiros e disputas políticas pelo mundo as PMCs tem um grande espaço de atuação na política nacional dos países. Até que ponto uma PMC fortemente armada não é um também um perigo interno para seu país de origem. Tais PMCs, com bases em territórios nacionais e depósitos de armas nas suas nações de origem, podem

servir como uma porta para que figuras como Prigozhin, ou o ficcional Jonathan Irons, criem influência política entre veteranos de guerras insatisfeitos com governos nacionais, a ponto de conseguirem poder para realizar radicais mudanças na política dos seus países de origem. Outra reflexão importante é até que ponto a “símbiose” público privada com as PMCs não é um perigo para os interesses nacionais dos estados, e uma ameaça e sua existência, ao ponto que os interesses da classe política, militar e privada são congruentes, e quais as consequências de um momento em que os interesses nacionais e das PMCs sejam conflitantes.

Referências bibliográficas

- Amid infighting Putin's Top lieutenants, head of mercenary forces appear to take a step too far. Associated Press. Washington 24/06/2023. Disponível em: <https://apnews.com/article/putin-russia-ukraine-war-prigozhin-infighting-0e051f0a43522f57ef1810a8b03f6e62>. Acessado em 25/06/2023.
- Asher, Harvey. “The Kornilov Affair: A Reinterpretation.” *The Russian Review* 29, no. 3 (1970): 286–300. <https://doi.org/10.2307/127537>.
- Brayton, Steven. “Outsourcing War: Mercenaries and the Privatization of Peacekeeping.” *Journal of International Affairs* 55, no. 2 (2002): 303–29. <http://www.jstor.org/stable/24358173>.
- Burke Jason. Russian mercenaries behind slaughter in Mali village UN, report finds. *The Guardian*, London, 20 de maio de 2023. Disponível em: <https://www.theguardian.com/world/2023/may/20/russian-mercenaries-behind-slaughter-in-mali-village-un-report-finds>. Acessado em 25/03/2023.
- Faulkner, Christopher (June 2022). Cruickshank, Paul; Hummel, Kristina (eds.). "Undermining Democracy and Exploiting Clients: The Wagner Group's Nefarious Activities in Africa" (PDF). CTC Sentinel. West Point, New York: Combating Terrorism Center. 15 (6): 28–37.
- Ivanov, Igor Borisovich. Página auto-biográfica Disponível em: <http://izput.narod.ru/>. Acessado em 25/06/2023.
- Jacques Marie, Jean. História da Guerra Civil Russa 1917-1922. 1º Edição. Editora contexto, São Paulo 2017.
- Johnston, Karli. “Private Military Contractors: Lessons Learned in Iraq and Increased Accountability in Afghanistan.” *Georgetown Journal of International Affairs* 10, no. 2 (2009): 93–99. <http://www.jstor.org/stable/43133578>.
- Heynowski, Walter; Scheumann, Gerhard (1966-03-18), Der lachende Mann – Bekenntnisse eines Mörders Siegfried Müller, DEFA-Studio für Dokumentarfilme, Deutscher Fernsehfunk (DFF).
- Kimberly Marten (2019) Russia's use of semi-state security forces: the case of the Wagner Group, *Post-Soviet Affairs*, 35:3, 181-204, DOI: 10.1080/1060586X.2019.1591142.

Merle Renae. Census Counts 100,00 Contractors in Iraq. Washington Post, Washington 5 de dezembro de 2006. Disponível em: <https://www.washingtonpost.com/wp-dyn/content/article/2006/12/04/AR2006120401311.html>. Acessado em 25/06/2023.

Putin Addresses the nation on Wagner Rebellion (English Subtitles), BNO News. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=p_o_43QY4Jk. Acessado em 23/06/2023.

SANBORN, JOSHUA. “The Genesis of Russian Warlordism: Violence and Governance during the First World War and the Civil War.” *Contemporary European History* 19, no. 3 (2010): 195–213. <http://www.jstor.org/stable/20749809>.

Wall Street Journal. How Wagner Uses Anime, Action Movies and Pop Culture to Recruit Mercenaries | WSJ. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=HH8gkgX87Bw> acessado em 24/06/2023.

Wagner Boss Prigozhin slams Russian Officials from a field of corpses. The Times and The Sunday Times. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=j-bALDPCp4w>. Acessado em 25/05/2023.

With Russia revolt over, mercenaries’ future and Direction of Ukrainian war remain uncertain. Associated Press, Washington Disponível em: <https://apnews.com/article/russia-ukraine-war-wagner-prigozhin-belarus-deal-6782455ddc4234816bfb2d7d388d8a9a> Acessado em 25/06/2023.

Yevgney Prigozhin speaks in Rostov, 11Alive. disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=70ikMUTu-VA> Acessado em 25/06/2023.